

# ENCONTROS DEMOCRÁTICOS

C I C L O   D E   D E B A T E S

## EDUCAÇÃO nos municípios: dificuldades e exemplos de sucesso

**espaço  
democrático**

Fundação para Estudos e Formação Política do PSD



**Encontros Democráticos** são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

### Experiências de sucesso na gestão da educação

**E**mbara, de uma maneira geral, a educação enfrente graves problemas no Brasil, há casos de sucesso em vários municípios brasileiros. Eles indicam que a elevação da qualidade do ensino no País não depende apenas da destinação de mais recursos, mas também da melhoria dos processos de gestão.

Esta foi uma das principais conclusões da sexta edição da série Encontros Democráticos, evento realizado em junho de 2015 pelo Espaço Democrático, a fundação do PSD para estudos e formação política.

Relataram suas experiências administrativas dois especialistas no assunto: o ex-secretário municipal de Educação de São Paulo na gestão do ex-prefeito Gilberto Kassab, Alexandre Schneider, e o prefeito de Mogi das Cruzes, município da Grande São Paulo, Marco Bertaiolli.

Participaram como debatedores os economistas Luiz Alberto Machado e Roberto Macedo, colaboradores do Espaço Democrático, o ex-governador paulista Claudio Lembo, membro do Conselho Superior de Orientação da Fundação, e Reinaldo dos Santos, gestor de fundação educacional. Vários outros colaboradores do Espaço Democrático acompanharam o debate, que foi conduzido pelo cientista político Rubens Figueiredo.

Esta edição traz a íntegra desse encontro de gente que entende a educação como a principal ferramenta para a formação de cidadãos.

Boa leitura!





**RUBENS FIGUEIREDO:** Estamos aqui reunidos para o 6º Encontro Democrático. Hoje vamos tratar de educação, um tema importantíssimo para o Brasil. E temos o privilégio de ter dois debatedores que vão oferecer uma visão prática da questão. Está aqui o prefeito de Mogi da Cruzes pela segunda vez, Marco Bertaiolli. Ele vai falar de sua experiência interessante na área, com a aplicação do contraturno, a construção de 58 creches e o centro de formação de professores. E também temos aqui o Alexandre Schneider, que foi secretário municipal de Educação de São Paulo. Vai falar sobre os aspectos práticos da sua experiência e o que falta para o Brasil avançar. Eu convido o Alexandre Schneider para abrir nossa reunião.



**ALEXANDRE SCHNEIDER:** Hoje temos 50 milhões de crianças e jovens matriculados no Ensino Básico no Brasil. Desse total, 82% estão na rede pública municipal ou estadual, mais de 41 milhões. Portanto, se para mudar o Brasil é importante mudar a educação, para mudar a educação é fundamental mudar a educação pública, que precisa de uma série de investimentos e mudanças de rota. E os municípios brasileiros têm uma importância central porque têm a obrigatoriedade, a responsabilidade, de trabalhar com a criança e o adolescente. A formação de base se dá nos municípios.

Nós temos uma série de desigualdades na oferta e na qualidade da educação, seja entre regiões brasileiras, seja dentro das próprias redes públicas. O Ensino Fundamental hoje, no Brasil, está praticamente universalizado. 98% das crianças de 6 a 14 anos estão na escola. Mas na educação infantil há apenas 81% e existe uma meta, para no ano que vem, de termos 100% das crianças na Pré-Escola. No Ensino Médio temos 84%. Quando quebramos isso regionalmente, olhando para o Ensino Médio especialmente, vemos que enquanto no Brasil são 84%, no Norte e no Nordeste essa taxa é de 44% e de 46%, respectivamente. Ou seja, há um desequilíbrio regional quando olhamos

a questão da oferta. Quando olhamos a questão da proficiência, que é o que mais importa - se as crianças estão ou não aprendendo -, vemos que, infelizmente, no quinto ano, que é o ciclo 1, só 40% das crianças estão aprendendo aquilo que é esperado em Português, segundo os próprios exames do MEC. Em Matemática, 35%. E esse é o melhor momento da rede pública, porque quando vamos para o ciclo 2, que são as crianças do 6º ao 9º ano, apenas 23% dos alunos que estão no 9º ano do Ensino Fundamental aprendem aquilo que é esperado em Português. No caso de Matemática é ainda mais dramático. Se no 5º ano apenas 35% das crianças aprendem aquilo que é esperado, no 9º ano são apenas 11%. Temos um problema de inclusão na Educação Infantil e no Ensino Médio.

Os governos municipais e estaduais têm que garantir que essas crianças e jovens estejam na escola, mas temos o problema dramático da qualidade na educação. Os últimos números mostram, inclusive, que o Brasil só cumpriu as metas que ele próprio se impôs no ciclo 1, até o 5º ano. Tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio o Brasil não cumpriu aquilo que se propôs a cumprir.

Resumindo, temos dois grupos de problemas. Na



**Resumindo, temos dois grupos de problemas. Na Educação Infantil e no Ensino Médio, incluir um contingente de crianças e jovens que está fora da escola. E no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, a questão da qualidade.**



Educação Infantil e no Ensino Médio, incluir um contingente de crianças e jovens que está fora da escola. E no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, a questão da qualidade.

Os municípios têm um papel central na primeira conta, no caso da inclusão, e têm a obrigação de garantir, até 2016, que todas as crianças de 4 a 5 anos estejam na escola. Talvez algumas - ou várias - prefeituras não consigam fazer isso. Portanto, aqueles prefeitos que assumirem em 2017 vão ter isso como uma urgência. Caso a criança não esteja matriculada, há inclusive questões legais que podem ser levadas em conta, como aconteceu no início da implantação do Ensino Médio, quando prefeituras e prefeitos foram processados por não cumprir a legislação. E tem também papel importante na questão da qualidade.

Aqui em São Paulo, quando o prefeito (Gilberto) Kassab assumiu (2006), enfrentou uma série de desafios. O primeiro deles era acabar com as escolas de lata. Havia 75 mil crianças em escolas de lata. O segundo era ampliar o tempo da criança na escola. 95% das escolas de Ensino Fundamental, Educação Infantil estavam organizadas em três turnos diurnos: das 7h às 11h, das 11h às 15h e das 15h às 19h... e às vezes

à noite. Então, as escolas de Ensino Fundamental funcionavam em quatro turnos. Quando o prefeito Kassab saiu, não existiam mais escolas de lata; e eram apenas 35 escolas - das quase mil unidades que existiam - funcionando em três turnos diurnos. E as obras dessas unidades estavam em andamento ou contratadas, para que a gestão seguinte pudesse seguir adiante.

Do ponto de vista da Educação Infantil, além de ampliar a carga de 4 para 6 horas, Kassab foi o prefeito que mais ampliou o número de matrículas em creches na história de São Paulo. Quando assumiu, eram 60 mil crianças matriculadas em creche. Ele deixou a Prefeitura com 214 mil. Hoje nós temos em São Paulo quase 230 mil crianças em creche. Dois terços das matrículas da cidade foram criadas na gestão Kassab. E elas foram criadas com a criança estudando dez horas por dia na creche e com uma estratégia que sugerimos para os municípios: fazer convênios com entidades não-governamentais, com qualidade, com as mesmas regras das unidades diretas, para garantir que os pais estejam tranquilos e as crianças possam se desenvolver desde cedo. Esta área é fundamental para o desenvolvimento futuro da criança. Há vários estudos de neurociência, na pedagogia, estudos mul-



tidisciplinares que demonstram que é entre o período mais tenro e a primeira infância que a criança se forma. Para isso, ela precisa de educação, cuidado, saúde, precisa se alimentar bem. Isso é uma obrigação das nossas prefeituras. A sugestão que se dá do ponto de vista prático é que não se pense apenas na construção de escolas - é importante construir, mas é muito demorado, especialmente nos grandes centros, onde há carência de terrenos e regras muito complexas. É necessário pensar também em um programa de primeira infância. Não só trabalhar a vaga na creche, mas trabalhar a saúde, a assistência social e o apoio às famílias, para que a criança possa se desenvolver plenamente. No caso da pré-escola, é importante ficar de olho, já no ano que vem, se a Prefeitura cumpriu ou não a meta de colocar todas as crianças de 4 a 5 anos na escola e ter um plano de emergência para que essas crianças estejam todas matriculadas.

No Ensino Fundamental, as sugestões, também práticas, vão de acordo com o Plano Nacional de Educação e aquilo que foi feito em São Paulo. A primeira delas, organizar a rede a partir de metas de aprendizagem. Depois, organizar um currículo. É importante que os pais e a comunidade saibam o que a criança deve

aprender. Isso parece estranho, mas o Brasil não tem um currículo nacional. Está discutindo e organizando a base curricular comum agora. Alguns municípios e alguns Estados construíram o seu currículo. Assim, mesmo que a base nacional seja implantada, municípios e Estados também terão que construir seu próprio currículo porque a base nacional, como diz o nome, é uma base. É importante que a organização da escola esteja baseada em um currículo claro, e que a formação dos professores seja feita baseada nesse currículo e na prática de sala de aula. O professor, muitas vezes, sai da universidade sem os instrumentos para chegar numa sala e desenvolver uma melhor aula. Então, gestão de sala de aula, gestão do tempo, a própria prática da sala de aula são questões importantes para serem abordadas na formação continuada que os municípios dão. Isso pode fortalecer o projeto. Também é necessária uma avaliação que esteja vinculada ao currículo, além da avaliação feita a cada dois anos pelo MEC. E tudo isso num sistema de metas de aprendizagem, para que se possa saber quem está aprendendo e quem não está. Com isso é possível organizar melhor a rede e trabalhar melhor com os alunos que têm dificuldade de aprendizagem.





**Nós tínhamos, em São Paulo, quase 550 mil alunos com quatro horas de aula por dia, quando Kassab assumiu. Quando ele saiu, praticamente todos estavam com carga de 5 horas e tínhamos 310 mil vagas no contraturno, para recuperação e atividades artísticas, esportivas, etc. Tudo isso dentro da escola e articulado com o projeto dela.**



Independentemente do sistema que uma rede utiliza, é importante entender que a escola pública tem a obrigação de garantir que todos possam aprender. Aqueles que precisam mais terão reforço, eventualmente recuperação, para que possam se desenvolver. Além de outras atividades no contraturno. Nós tínhamos, em São Paulo, quase 550 mil alunos com quatro horas de aula por dia, quando Kassab assumiu. Quando ele saiu, praticamente todos estavam com carga de 5 horas e tínhamos 310 mil vagas no contraturno, para recuperação e atividades artísticas, esportivas etc. Tudo isso dentro da escola e articulado com o projeto dela.

Não adianta ampliar o tempo da criança na escola se não houver um projeto. É ele que vai guiar todo o processo. E não basta também ter um projeto se não houver como medi-lo e se não houver metas que a gente queira alcançar e juntar toda a rede em torno disso.

As sugestões práticas que eu dou, com base na experiência que tivemos aqui em São Paulo, são: na Educação Infantil, investir na construção, na organização

das escolas e nas alternativas ao modelo direto, por meio de convênios com entidades, com regras claras, que sejam fiscalizadas. E no Ensino Fundamental, um projeto que articule a escola como um todo: currículo, processo de avaliação, o tempo que as crianças estão lá, as atividades do contraturno e as metas claras para que os profissionais de educação, os prefeitos possam acompanhar, cobrar e ajustar aquilo que seja ajustado ao longo do tempo.

Os municípios têm diante de si uma responsabilidade enorme. Hoje, 84% dos recursos da educação saem dos Estados e dos municípios. O governo federal contribui muito pouco com a educação básica no Brasil. Acho que é importante que tanto o PSD quanto os municípios se juntem em torno disso. Não é só na educação, mas o problema da educação é sério, uma série de obrigações e poucos recursos. Mas com o pouco que existe dá para fazer muito se houver organização e clareza de para onde se quer ir.

**RUBENS FIGUEIREDO:** Passo a palavra ao prefeito de Mogi das Cruzes, Marco Bertaiolli.



**MARCO BERTAIOLLI:** Acho que o Alexandre coloca com bastante propriedade alguns aspectos técnicos da educação, mas eu entendo que nós precisamos dividir a administração da educação no Brasil em duas partes fundamentais. Primeiro, a gestão em si. Nós estamos falando da Secretaria Municipal que tem, normalmente, o maior contingente de funcionários públicos. Nós estamos falando da maior verba alocada pela prefeitura municipal em uma secretaria, 25%. E nós estamos falando da maior responsabilidade de uma prefeitura, que é a educação das nossas crianças. Por outro lado, temos que avaliar a pedagogia, a metodologia aplicada pelas nossas escolas não só no âmbito municipal, mas estadual e também no governo federal.

Eu entendo que nós temos algumas discrepâncias muito grandes, principalmente entre os municípios. Hoje nós temos alguns Estados que não conseguem atingir o piso salarial proposto pelo Plano Nacional de Educação. Um Estado não consegue pagar o piso salarial para os seus professores. E nós temos municípios, alguns de São Paulo, que têm renda per capita maior,

e neles a discussão passa a ser, como é o caso de Mogi das Cruzes, quais matérias devem ser aplicadas no contraturno. Nós não podemos separar as nossas crianças já no ensino infantil, no ensino fundamental, entre aquelas que vão dar certo na vida e aquelas que vão dar errado. E infelizmente é o que nós estamos fazendo hoje. Porque existem várias educações espalhadas pelo nosso País e pelas nossas cidades. Qual é a que nós queremos? Eu gostaria de contar um pouco do exemplo prático da minha cidade, que é Mogi das Cruzes. E destacar que quando uma pessoa se coloca à disposição do seu município para administrar a cidade como prefeito, sem dúvida nenhuma uma das maiores demandas colocadas é a de vagas em educação infantil, as creches. E os números são muito interessantes. Em Mogi das Cruzes, em 2009, quando eu disputei a eleição, existia um cadastro de 2.500 crianças aguardando vagas nas creches municipais. De 2009 para cá colocamos em funcionamento 58 Escolas Municipais de Educação Infantil. Foram 58 em seis anos meio, com 150 vagas em cada uma dessas escolas. Portanto, algo em torno de 7 mil vagas.



**Se o nosso cadastro em 2009 era de 2.500 crianças e nós temos um crescimento vegetativo da população em torno de 5%, tem vaga sobrando em Mogi das Cruzes. Mas a minha fila de espera continua com 1.600 crianças aguardando matrícula. Por quê? Porque quando se oferece um serviço público de qualidade, a população acredita e busca.**



Se o nosso cadastro em 2009 era de 2.500 crianças e nós temos um crescimento vegetativo da população em torno de 5%, tem vaga sobrando em Mogi das Cruzes. Mas a minha fila de espera continua com 1.600 crianças aguardando matrícula.

Por quê? Porque quando se oferece um serviço público de qualidade, a população acredita e busca. Então, hoje, nós recebemos crianças que não iriam para a escola tão cedo, mas as mães passaram a acreditar no sistema público e matricularam. E há também casos de crianças oriundas do sistema particular. Hoje nós matriculamos crianças a partir dos 4 meses de idade nas creches municipais de Mogi das Cruzes.

E qual foi o grande desafio? Colocar todas essas unidades em período integral. Nós acreditamos e entendemos que precisamos elaborar o currículo escolar correto. Mas é preciso, antes disso, preconizar, fazer uma verdadeira catequese com professores e diretores de escolas, de que o período integral é fundamental para que nós possamos criar e dar condições para que as nossas crianças sejam adultos diferentes do que nós mesmos somos. O período integral é fundamental para as crianças porque as tira da rua e as

coloca em atividade diária dentro das escolas. Mas se é importante para as crianças, é mais importante ainda para os pais, especialmente para a mãe, que volta para o mercado de trabalho ou vai se capacitar. Tem uma passagem muito interessante que vale a pena compartilhar.

Na minha eleição de 2009, eu falava que se eu fosse eleito, implantaria o período integral. E eu dizia isso de manhã, de tarde, de noite, em todas as reuniões que eu ia. Na televisão, no horário eleitoral gratuito. E em uma certa noite, eu estava lá em um distrito muito populoso de Mogi das Cruzes, chamado Jundiapéba. Fiz a minha explanação, falei do período integral. Quando terminei a reunião, veio uma senhora conversar comigo. Ela me disse assim: "Bertaiolli, eu já decidi meu voto. Eu vou votar em você para prefeito. Mas eu estou com um problema. A minha filha de seis anos sempre me acompanha na hora de digitar o voto. Ela quer ir digitar, mas não quer que eu vote em você de jeito nenhum". Eu perguntei se a filha dela estava lá e se eu podia conhecê-la. Ela chamou a menina. Eu conversei com ela. Perguntei por que ela não queria que a mãe votasse em mim de jeito nenhum. Ela falou: "Eu não! O

senhor quer que eu fique na escola o dia inteiro".

Hoje, todas as nossas pesquisas apontam que o período integral tem 98% de aprovação. E uma coisa fundamental: acabou a falta nas escolas. O absentéismo está próximo de zero. A criança só falta quando ela está de fato com algum problema de saúde grave, porque ela quer ir para a escola. As crianças entenderam que ela não vai ficar na escola nove horas por dia estudando. Ela também vai estudar, mas vai aprender a jogar futebol, vôlei, basquete, vai aprender digitação, inglês, vai ter uma alimentação saudável. Porque para você manter essas crianças na escola durante nove horas, a merenda é fornecida pela administração municipal. E são cinco refeições diárias: café da manhã, colação (*lanche*) às 10h30, almoço às 12h, outra colação às 15h e, às 17h, antes de voltar para casa, uma sopa. E o almoço não é merenda. Tem arroz, feijão, carne, salada, suco de laranja. E vale aí um parêntese: a maior parte da alimentação adquirida na própria cidade. E há algumas especiarias da cidade incluídas no cardápio dessas crianças. Por exemplo, o caqui e o cogumelo. Mogi das Cruzes recebeu prêmio, em 2011, de melhor merenda escolar da região Sudeste do Brasil. Melhor merenda escolar do Estado de São Paulo. E na hora de entregar o prêmio, eu fui perguntado: "Mas o senhor tem cogumelo na merenda?" Não estou defendendo que se inclua o cogumelo na merenda, mas é que Mogi das Cruzes é a maior produtora brasileira de cogumelo, e as crianças não tinham o hábito de comer. Então, hoje, na safra de caqui, tem pão de caqui, suco de caqui, caqui in natura, de sobremesa, e as crianças vão diversificando seu paladar. E uma avaliação importante: criança na escola não tem frescura com a alimentação. Aquela coisa de "não como salada, não como alface" é em casa com pai e a mãe. Na escola experimentam de tudo. Muitas crianças acabam encontrando na escola a alimentação saudável e equilibrada que não teriam em casa. Além

das atividades extraclasse.

Então, a criança não falta na escola. Agora, para isso, foi preciso convencer as diretoras e as professoras de que era importante implantar o período integral. Hoje nós já temos seis escolas em Mogi das Cruzes, com capacidade de mil alunos cada uma delas, construídas para funcionar em período integral. Mas nós temos outras 34 que não foram construídas para ser de período integral e estão funcionando. Graças ao envolvimento do magistério no projeto. Sem comprar essa ideia, seria impossível implantar o período integral. E, claro, nós contratamos o contraturno através de organizações sociais, que fazem desde uma aula de xadrez, de damas, até uma de balé. E quando eu vejo uma aula das nossas "sinfoniquinhas", que são as aulas de música, que nós chamamos de "sinfoniquinha" - cada escola tem uma pequena orquestra sinfônica - e vejo uma criança de seis, sete, oito anos, segurando uma flauta e tocando, é uma satisfação, um orgulho para todos nós. E aí, conforme vão se desenvolvendo, podem ocupar até o cargo de monitor, ou um lugar na banda sinfônica da cidade, que nasce das "sinfoniquinhas" das escolas.

Para isso, foi fundamental implantarmos a jornada correta dos professores. Nós vencemos os obstáculos para oferecer uma jornada semanal de 33 horas, das quais 22 horas em sala de aula e 11 horas de atividades. Essas 11 horas são divididas em três. Então, o professor tem três horas para discutir com os demais integrantes da escola como melhorar, como aperfeiçoar, conversar sobre as características de cada aluno. É a hora-atividade pedagógica, quando ele está à disposição da direção da escola. Outras três horas nós chamamos de hora-atividade de capacitação, quando o professor recebe toda a preparação necessária para conduzir sua aula. Essa capacitação é feita na Escola de Governo, unidade que nós construímos especificamente para a formação de funcionários públicos,



**...é impossível fazer período integral sem merenda escolar. Nenhuma criança vai ficar nove horas na escola sem alimentação adequada. É por incrível que pareça, todo mundo fala de período integral, mas a merenda escolar não compõe a educação no Brasil. Acho que tem que ser bandeira do PSD. E o prefeito vai deixar de fazer algo para implantar a merenda escolar.**



especialmente professores. Foi inaugurada em 2011 e serve para capacitar professores, que recebem três horas semanais para ficarem à disposição dela. 90% dessas aulas não são presenciais, são feitas on-line, pela internet. Hoje, por exemplo, estamos disponibilizando em teste cursos de inglês e de espanhol pela internet para os nossos professores, dentro dessas três horas de capacitação. E as horas restantes são livres, o professor recebe para preparar a sua aula, corrigir suas provas, atividades que fazem em casa e antes não recebiam por isso.

Agora, é importante destacar: é impossível fazer período integral sem merenda escolar. Nenhuma criança vai ficar nove horas na escola sem alimentação adequada. E por incrível que pareça, todo mundo fala de período integral, mas a merenda escolar não compõe a educação no Brasil. Acho que tem que ser bandeira do PSD. E o prefeito vai deixar de fazer algo para implantar a merenda escolar. Sai do tesouro do município e da livre iniciativa de cada administração municipal, não sai da conta dos 25% obrigatórios de investimento em educação. Por isso nós temos uma

discrepância entre cidades que oferecem uma merenda escolar bastante simples o ano inteiro e cidades que têm uma alimentação como a de Mogi das Cruzes, premiada. Mogi vai investir R\$ 18 milhões este ano para fazer uma merenda escolar que atenda as crianças em período integral.

Vamos aos números. Em 2009, eram 21 mil alunos na Rede Municipal de Ensino de Mogi das Cruzes. Hoje são 42.500 alunos. Dobramos o número de alunos da Rede Municipal. De onde saiu tanta criança? Nós municipalizamos as escolas de Ensino Fundamental do Governo do Estado de São Paulo, passamos para a administração da Prefeitura. Entendemos que essa municipalização é o melhor caminho para a educação e construímos mais escolas. No contrafluxo disso, as escolas particulares em Mogi perderem 10% dos seus alunos no mesmo período.

Outro dado: dos 42.500 alunos que temos na cidade hoje, metade, 21.500, estudam em período integral. Chegamos ao ponto de transportar mais de 10 mil alunos diariamente. São os alunos que moram a mais de dois quilômetros de uma escola pública. Mogi

das Cruzes tem uma frota de 65 veículos próprios e mais 40 veículos contratados de empresa terceirizadas, portanto mais de 100 ônibus, que fazem o transporte desses alunos. Qual é o conceito? Os ônibus buscam essas crianças e trazem para a escola de manhã. Só que as crianças que estão no período integral não podem ficar a semana inteira dentro da escola. Então implantamos um conceito que chamamos de Cidade do Saber. Mogi das Cruzes se transforma em uma cidade educadora. Todos os cantos da cidade são uma sala de aula. Por exemplo, temos a Igreja do Carmo com o Museu de Arte Sacra. Esse Museu de Arte Sacra é visitado pelas nossas crianças de escola de período integral. Usamos para isso os próprios ônibus que fazem o transporte escolar de manhã. Esses ônibus estão à disposição da escola. Então a diretora organiza uma escala entre as salas e as crianças saem da escola e passam a conviver com o ambiente da cidade. Nós temos lá o Parque Municipal, na Serra do Itapeti. Essas crianças, claro que dependendo da faixa etária, vão ao parque e lá elas têm aulas práticas de ciências, biologia, sustentabilidade, meio ambiente... Entendo que o grande desafio é administrar este que é o maior recurso, o maior contingente de pessoas, o maior patrimônio de uma administração. E aliar a isso uma capacitação que eu concordo com o Alexandre em gênero, número e grau, precisa ter uniformidade de currículo escolar. Hoje, a base escolar de cada cidade varia demais, e nós não podemos dividir as nossas crianças e os nossos alunos entre os municípios ricos e municípios pobres, e transferir para as crianças esse mesmo conceito.

Para concluir, uma história bastante interessante. Nós temos uma escola na divisa de Mogi das Cruzes com Itaquaquecetuba. E nossa escola não completou o número de vagas que tínhamos disponíveis. A diretora da escola recebeu uma comissão de mães do município vizinho, 25 mães pedindo para matricular

seus 25 filhos na escola de Mogi das Cruzes. Nós não podemos fazer isso porque essas crianças moram no município de Itaquaquecetuba, portanto teriam que ser matriculadas lá. Até porque, matriculadas em Mogi, não entram no cômputo do Fundeb. Mogi das Cruzes não vai receber isso. Mas a diretora ficou sensibilizada; a secretaria ficou sensibilizada; e sensibilizaram o prefeito. Autorizei as 25 matrículas. Quando estou lá no meu gabinete em abril último, chega o pessoal do CQC. E como eles não avisam qual é a pauta prévia, você é pego de surpresa. Eles estavam na porta do meu gabinete. "Queremos falar com o prefeito", diziam eles. "Qual é o assunto?", eu pergunto. E eles não diziam antes de falar diretamente comigo. "Está bom, podem vir. Não tem nada que eu não possa falar sobre meu município". Quando eles entraram, disseram: "Prefeito, nós temos uma queixa de mães que estão sendo obrigadas a caminhar três quilômetros por dia, passando por ribanceiras, por morro, mato, cobra para chegar na escola. O senhor não se envergonha disso?". Eu disse: "Não é possível! Minha cidade tem 65 ônibus, eu acabei de comprar. Tem 40 ônibus alugados. Eu transporto 10 mil crianças por dia. Eu não tenho conhecimento de nenhuma criança que more a mais de dois quilômetros da escola e esteja caminhando. Isso não é possível aqui em Mogi". Eles: "Nós vamos passar aqui para o senhor ver". E colocaram uma televisão improvisada e passaram para eu ver. Quando eu vejo, quem são as mães? As de Itaquaquecetuba. Eu não estava indo buscar os filhos em casa. E para eu explicar para o CQC que a responsabilidade do transporte é dentro do município? Eu não consigo explicar. Aí eu fiz um acordo fácil. É outro município, eu não posso transportar. Se o prefeito de Itaquaquecetuba colocar essas crianças na divisa, no ponto, eu pego e trago para minha escola. E assim foi feito. Então, não tem jeito, você apanha de tudo quanto é lado.



**RUBENS FIGUEIREDO:** Agora nós vamos ter dois comentaristas. Luiz Alberto Machado é o primeiro. Cinco minutos para as suas considerações.



**LUIZ ALBERTO MACHADO:** A minha experiência com educação é totalmente voltada para o ensino superior e a realidade do ensino superior é completamente diferente da realidade do ensino infantil e fundamental. Mas ainda assim eu gostaria de comentar algumas coisas. Achei muito interessante que nenhum dos dois colocou entre os principais problemas a falta de verba, discurso que normalmente existe entre os gestores, prefeitos, secretários e assim por diante. O que confirma uma sensação que eu tenho de que, mais do que falta de dinheiro, o problema é de má aplicação do recurso. Há um dado que o Alexandre colocou: claro que o investimento em construções é fundamental, mas que construções? Ainda mais quando você pensa em manter a criança em período integral, se ela não tiver instalações bastante satisfatórias, é um tiro no pé. Eu vejo que em Mogi isso vai bem. Em outras experiências que eu tive, percebi também uma coisa interessante: muitas vezes depende muito

de quem está lá, do diretor, do responsável. Às vezes bons diretores, com poucos recursos, conseguem fazer muito mais coisas que os maus diretores com muitos recursos.

No ano passado eu dediquei boa parte do meu tempo a leituras nessa área, e basicamente três livros me chamaram muita atenção. Um deles nem era muito recente, que é o *Aula nota 10*. O outro é *As crianças mais inteligentes do mundo*. E o terceiro é a coletânea de livros do professor Pier, que hoje faz um sucesso danado como palestrante pelo Brasil inteiro. Dessa coleção toda, o que tem mais destaque é *As crianças mais inteligentes do mundo*, que é de uma jornalista americana que se cansou de ver que os Estados Unidos iam mal nos testes internacionais, principalmente no Pisa (*Programa Internacional de Avaliação de Estudantes*). E quem é que ganha no Pisa? Finlândia, sempre. Coreia do Sul quase sempre. E o que chamou atenção é a Polônia, que começou a crescer muito. Aí ela fez um acordo com pais de crianças americanas que foram fazer intercâmbio nesses países e ela acompanhou o desempenho das crianças, viajou a esses países, conversou com gestores da educação desses países, e as conclusões dela são interessantíssimas. E acho que servem para qualquer lugar do mundo.

Em primeiro lugar, não há um modelo único. O que acontece na Finlândia é diferente do que tem na Coreia, que é diferente do que tem na Polônia. Mas o que há em comum nesses lugares todos? A escola não é só a escola, principalmente na Finlândia. A criança que vai para escola estuda, mas tem lá um espaço de socialização, com esporte, arte, uma série de atividades culturais, de tal maneira que ela vai para escola satisfeita. Realidade diferente da Coreia do Sul, onde a coisa é muita opressiva, os problemas são outros... mas no caso da Coreia o que se destaca muito é o envolvimento dos pais e a cobrança. Já a Polônia é um caso extraordinário de recuperação muito rápida de

pois de muitos anos em que a educação ficou aquém da de outros países, que tinham sistemas mais bem avaliados.

E o que existe de comum em tudo? Primeiro, a maneira como a educação é encarada. Em todos esses lugares a educação é prioridade. E não é prioridade de discurso. É prioridade concreta, na forma como ela é administrada. A conscientização a respeito dessa seriedade não pode ser só do gestor. Ela tem que passar por professores, estudantes, pais, pela sociedade de uma forma geral. Isso tem sido feito. Segundo, a capacitação dos professores. Em alguns lugares, a exemplo do que acontece no Brasil, o professor não é o cara que mais ganha, não. Ele pode ser respeitado, mas ele não vai ganhar, na maior parte desses países, o que ele ganharia em outras atividades.

Então, é um processo de conscientização, um processo de participação. E os modelos pedagógicos são os mais diferentes possíveis. A criança é tratada com respeito e é vista como protagonista do processo. Estão desaparecendo os modelos pedagógicos tradicionais em que o professor fala e o aluno é passivo, fica só escutando. E essa é uma preocupação que eu tenho. Aliás, saiu um relatório da Fundação Lehman esta semana. Os alunos foram entrevistados e fizeram uma crítica pesada aos professores, que dão aulas tradicionais e não sei o quê... mas tem muito aluno que é conservador. Ele fala no discurso que quer coisa diferente, mas adora ser tratado da forma tradicional e reclama das experiências inovadoras de muitos professores. Então, eu sei que vocês tiveram experiências bem-sucedidas, cumprimento-os por isso e, claro, sendo alguém vinculado à área de educação, eu estou de acordo: na educação está o grande gargalo do crescimento brasileiro. Mas se em todos os lugares a gente tivesse experiências como a do Alexandre aqui em São Paulo, como a do Bertaiolli lá em Mogi, o meu otimismo seria muito maior do que ele é atualmente.

**RUBENS FIGUEIREDO:** Professor Roberto Macedo.

**ROBERTO MACEDO:** É um prazer estar aqui para falar sobre educação. Eu quero falar rapidamente sobre um assunto que não foi abordado. Eu me recordo muito dos tempos de infância. Eu passei por aquela boa época das escolas públicas, que eram quase um privilégio. O primário, por exemplo, tinha quatro excelentes professoras que não faltavam e se dedicavam. Mas eu também tive uma ajuda muito boa em casa, minha mãe era professora. Com o número de filhos que ela teve, oitavo, largou o magistério e foi cuidar dos filhos. Ela ajudava muito nas tarefas e em casa também tínhamos um ambiente favorável, um lugar para se sentar e estudar, tinha um daqueles móveis antigos com porta de vidro, cheio de livros, e a gente, por curiosidade, acabava pegando esses livros.

Eu não vejo ninguém da área educacional falando sobre o papel das famílias e como melhorar esse papel na educação infantil. E isso é um problema não só do Brasil, mas mesmo nos países desenvolvidos. Eu conheço os Estados Unidos e lá naqueles fundos, como o Alabama e outros lugares, há problemas sérios de deficiência educacional. Os Estados Unidos são mais conhecidos pelo ensino superior, eles não são grande coisa nos exames do Pisa e na educação de crianças, não. Eu não vejo ninguém exortando as famílias para que elas tenham um papel maior. Eu acho que as famílias são responsáveis por três coisas: o comportamento das crianças, a cobrança do dever de casa e do desempenho na escola. E isso é o que minha mãe fazia. Queria saber do boletim, se eu fiz o dever de casa - só podia jogar bola depois que completasse o dever de casa. E havia também essas condições favoráveis. É claro que no Brasil é preciso fazer um apelo aos pais no sentido de que eles têm um papel a desempenhar. Não podem largar tudo por conta da escola. Acho que o tempo integral não resolve tudo.



**RUBENS FIGUEIREDO:** Eu quero colocar mais um ingrediente na conversa, que é a questão da tecnologia. Como as novas tecnologias impactam na promoção de um sistema educacional de qualidade?

**ALEXANDRE SCHNEIDER:** Primeiro gostaria de comentar duas coisas que o prefeito Bertaiolli disse, que são importantes. A educação vai ser tão boa quanto os professores que você tiver. Se você não tiver uma formação continuada bem-feita nos municípios, articulada ao currículo, ao projeto da escola, também não vai dar certo. Porque eles saem da pedagogia sem uma série de conhecimentos importantes. Saem sabendo o que é o Fundeb, mas têm dificuldades para saber como ele vai entrar numa sala de aula e encarar os alunos. E isso é fundamental. Até o governo federal fazer um trabalho com as faculdades de pedagogia para mudar o tipo de formação inicial, que reconhecidamente é frágil, esse papel vai ter que ser exercido pelas prefeituras e pelos Estados. Então, formação de professores, carreira, como bem disse o prefeito Bertaiolli, são pontos fundamentais no processo pedagógico. A questão das famílias é cultural e não está só entre os mais pobres. Eu acho que esse é um trabalho que nós vamos ter que fazer com a sociedade, de valorizar a educação, valorizar o mérito... enfim, uma série de questões que as nossas lideranças precisam começar a trabalhar incessantemente por isso. Em relação à tecnologia, ela abre um espaço extraordinário para o processo de ensino e aprendizagem. Temos uma série de possibilidades, mas aí eu volto para o comecinho da minha apresentação: a tecnologia é um meio, ela não vai tomar o lugar do professor ou o lugar da escola. O que precisamos é, a partir de um currículo, de uma organização, usar da melhor forma a tecnologia. Porque vai mudar, inclusive, o papel do professor. Ele passa a ser mais um tutor do que alguém que está repassando conhecimento.

Antigamente a gente ia à escola porque ali estava o único meio de transmissão de conhecimento. Hoje a gente tem vários outros. Mas a tecnologia sozinha não nos leva a lugar nenhum. O que o Brasil precisa é definir claramente o que as crianças devem aprender, montar um sistema de acompanhamento e cobrar. Para ter uma ideia, o "Todos pela Educação" definiu uma série de metas - e a gente tem as metas do Plano Nacional de Educação - e a única meta cumprida até agora foi colocar dinheiro na educação. As outras todas não foram cumpridas. Não adianta a gente ter um sistema que não monitora. E por fim, o período integral não é simplesmente ampliar o tempo das crianças na escola, como bem colocou o prefeito. Tem que ter um projeto, porque senão dobra uma coisa que é ruim e ela fica péssima. Sei que é uma ofensa aos matemáticos fazer esse tipo de coisa, mas no fundo é isso. Se não tem um projeto - o que a criança vai fazer lá, como vai ser apoiada, que tipo de atividade se articula com o que ela deve aprender -, a gente vai jogar dinheiro fora.

**RUBENS FIGUEIREDO:** Prefeito Marco Bertaiolli, suas considerações.

**MARCO BERTAIOLLI:** Pouco a acrescentar, mas eu diria que nós temos visto muita gente dizendo que nós precisamos refazer o pacto federativo do Brasil no âmbito financeiro. Na verdade, nós precisamos refazer o pacto federativo da saúde, o pacto federativo para a educação. Não é inteligente uma escola de Ensino Fundamental do ciclo 1, que recebe um aluno com seis anos de idade, no bairro mais distante de Mogi das Cruzes, ser administrada pelo Governo do Estado de São Paulo. É impossível ele administrar aquilo com presença, e consequentemente com qualidade. A caixa d'água vai vazar, o reboco vai cair e o governo não vai chegar. Porque é muito distante. Então, definir claramente qual o papel na educação do município e

do governo do Estado. E o que caberia então ao governo do Estado? Unificar esse sistema pedagógico no Estado de São Paulo. Nós não vamos ter aqui a audácia de falar que nós vamos unificar no Brasil, nós somos uma federação, mas no Estado de São Paulo isso seria possível. Uma escola onde a professora entrasse na sala de aula e soubesse exatamente qual a matéria do dia. E ela aplicasse não o engessamento, mas a sua forma de ministrar a aula com o currículo já previamente colocado para o Estado inteiro. De forma que uma criança que mude, por exemplo, de Sorocaba para Mogi das Cruzes no terceiro ano primário, tenha exatamente as mesmas matérias e saiba aonde está.

Em relação ao período integral, nós avançamos e convidamos a escola, professores e diretores, para se apoderarem desse projeto. Se nós fossemos fazer escolas de período integral excepcionais, quer dizer, construirmos esses prédios com refeitório, com todas as aulas extracurriculares necessárias, nós talvez não tivéssemos feito até hoje.

Qual é a balança? A balança é que mesmo que eu tivesse naquele momento, em 2010, aperfeiçoando o sistema integral, mesmo que essa criança ficasse na escola eventualmente duas horas sem atividade, qualquer lugar dentro da escola é melhor do que na rua. E nós estamos falando de crianças que normalmente ficam na rua.

Tem uma experiência interessante. Quando fomos criar as escolas de período integral, fomos buscar as escolas mais distantes, onde a vulnerabilidade social fosse mais presente. Onde estar na escola significasse, para aquela criança, deixar de estar na rua. E nós, num bairro bastante carente de Mogi das Cruzes, implantamos o período integral. Eu vou almoçar nas escolas, esporadicamente, junto com as crianças, junto com as professoras, junto com as diretoras. E eu fui nessa escola quando nós implantamos o período integral. Talvez tenha sido uma das cenas mais chocantes

que eu vi. Mesmo em Mogi das Cruzes, que é uma cidade de 500 mil habitantes na Grande São Paulo. Mas ali era um bairro bastante emblemático do ponto de vista da vulnerabilidade social. Realmente uma experiência muito triste. Uma criança fez o prato, um prato considerável, almoçou e viu que o que sobrava dos outros pratos estava indo para o lixo. Essa criança veio para a merendeira do meu lado e perguntou assim: "Tia, posso levar o que sobrou para casa?". Aí eu brinquei com ela: "Você vai garantir a janta?". E ela falou: "Não, é para o meu irmãozinho que não está na escola". Quando eu digo que é um absurdo a merenda não compor os 25% da educação é porque você pode ensinar a melhor matemática e português do mundo, mas se aquela criança não estiver com a nutrição adequada vai se perder.

E um outro exemplo muito interessante, foi, numa dessas escolas de período integral. Sentei para almoçar e veio uma menina do meu lado. E eu perguntei para ela há quanto tempo estava no período integral. Ela me respondeu que desde o começo do ano. Isso era meio do ano passado.

- Você gosta da escola? - perguntei.
  - Eu adoro. Não falto na aula de jeito nenhum! - ela disse.
  - Você tem irmão?
  - Mais três.
  - E onde seus irmãos estudam?
  - Ah, estudam todos aqui no Lucinda Bastos.
- Essa escola é do bairro de Jundiapéba. Eu já fiz as contas: quatro alunos na escola, imagina, quatro filhos. Café da manhã, almoço, café da tarde e jantar. Olha a economia para essa família.
- E sua mãe?
  - A minha mãe trabalha de empregada doméstica.
  - Seu pai trabalha com quê?
  - Ah, meu pai tá preso.
- Como aquela mãe conseguiria sustentar aquelas

quatro crianças com esta educação e com esta alimentação saudável sozinha em casa? Onde essas crianças estariam no contraturno se não estivessem na escola?

Então, o período integral é a verdadeira distribuição de renda que nós podemos fazer no Brasil. Colocar essas crianças de áreas de vulnerabilidade social em período integral. O que o doutor Macedo colocou é verdade. Mas o que acontece hoje é o inverso em relação às famílias. Não é que as famílias precisam ser mais presentes nas escolas. E eu concordo em gênero, número e grau com essa observação. Mas o que está acontecendo é o contrário. As famílias estão depositando na escola toda a educação dos seus filhos. Então, a escola, além de ensinar matemática e português, está ensinando boas maneiras, disciplina, está ensinando regras morais, que infelizmente estão distantes das nossas famílias. E eu não quero entrar na discussão das causas da distância das nossas famílias. Quero crer que seja por essa necessidade louca que nós todos entramos num círculo de vida doído: a mãe trabalha fora, o pai trabalha fora e todo mundo se mata para compor uma renda familiar. E o tempo para educação das crianças não existe. E aí acaba deixando para a escola a tarefa de educar o filho. Agora, a tecnologia eu entendo que seja um aliado da educação. Nós precisamos falar a mesma linguagem dos jovens. E sem dúvida nenhuma... Todos aqui estão com um iPad na mão... Imagina as escolas, se isso não desperta o interesse e uma linguagem correta para abordar as nossas crianças.

**RUBENS FIGUEIREDO:** Antes de abrir para as perguntas, o Alexandre Schneider quer fazer um comentário rápido.

**ALEXANDRE SCHNEIDER:** Normalmente, quando se implanta escolas de período integral, elas acabam sendo feitas naqueles bairros mais ricos, onde vai

caindo o número de alunos. E aí, para não fechar a escola, é feito o período integral. Ou seja, quem menos precisa acaba sendo beneficiado. A prefeitura de Mogi das Cruzes ter ido fazer onde é mais necessário é um exemplo que a gente tem que divulgar bastante. Começar pelas regiões mais pobres.

Eu quero falar sobre uma questão que não coloquei e acho importante. Os prefeitos podem fazer isso: articular nessas regiões mais pobres a educação em conjunto com outras áreas, para garantir para os alunos o seu desenvolvimento pleno e tranquilo. Saúde, assistência social, ter uma integração um pouco maior da escola com essas áreas. É algo muito difícil de fazer, mas é fundamental.



**CLÁUDIO LEMBO:** Uma pergunta muito presente é sobre o ensino da religião nas escolas. E sobre a progressão continuada e a repetência?

**ALEXANDRE SCHNEIDER:** Sobre o ensino da religião nas escolas, sou a favor da liberdade de religião e da escola laica. Eu acho que a escola pública tem, necessariamente, que ser laica. Isso não quer dizer que o país não possam escolher, aqueles que podem, escolas religiosas para os seus filhos.

Uma escola republicana é laica por definição.

Sobre a repetência, acho que a questão está colocada no lugar errado, porque a escola que não ensina, não ensina com ou sem repetência. É difícil a gente lidar com isso, uma vez que o nosso registro aqui no Brasil é o de que escola boa é escola difícil de o aluno passar. Eu lembro que um colega meu, educador, foi para um seminário na Finlândia e foi conversar com um ministro do país. Perguntou quantos ciclos havia no País e quando as crianças repetiam. Ele respondeu: "Elas não repetem. É um ciclo de nove anos". Meu colega perguntou: "E as crianças que não aprendem?" Ele falou: "As crianças aprendem". É óbvio, é necessário ter pontos de controle. Para trabalhar com ciclos a criança não pode ficar sem aprender, tem que ter recuperação, reforço. São essas as atividades com acompanhamento mais forte da escola.

Nas boas escolas de São Paulo, aquelas que custam por mês o que custa um ano de escola pública, mesmo com repetência, o aluno, quando está indo mal no primeiro mês, segundo mês, vai para reforço, recuperação. O pai é chamado. O nosso problema é a organização da escola pública, aumentar o acompanhamento dos alunos. A Prefeitura de São Paulo mudou o processo e estabeleceu a repetência no ciclo final. O que aconteceu? Mais do que dobrou a repetência. E o secretário da Educação - isso é público, saiu na *Folha de S. Paulo* - foi às escolas pedir para pararem de dar notas baixas para os alunos. O que se trata aqui é o seguinte: construção de uma escola boa. Não uma escola que repete ou passa o aluno. É errado passar o aluno sem ele saber, mas está errado você culpar o aluno porque você não o ensinou.

**MARCO BERTAIOLLI:** No início da minha fala eu disse que nós precisamos separar o sistema educacional, até pela grandeza que ele ocupa dentro da educação pública, entre administrar a educação e implantar

os sistemas pedagógicos. Eu me coloco muito mais como um administrador da educação que como um especialista em educação. A minha formação não é essa. Então, eu respondo como experiência prática e não como tese acadêmica. Em relação à repetência e à progressão continuada. Um exemplo prático: nós ensinamos às nossas crianças, desde o ensino infantil, pelo exemplo. É uma questão cultural implantar nas crianças metodologias que elas vão levar para vida inteira. Quais são elas? O gosto pelo estudo. O gosto pela leitura. O gosto de sentar numa mesa e se aperfeiçoar num assunto. As nossas crianças, na minha opinião, perderam o prazer de estudar, perderam o prazer de se dedicar aos livros porque não existe o compromisso nenhum se ela estuda ou não estuda. Chega no final do ano, ela vai passar de qualquer forma. Eu estudei a vida inteira em escola pública. Eu só estudava uma vez a cada dois meses, às vésperas da prova que a escola me desse. A minha filha tem a condição de estudar numa escola particular boa de Mogi das Cruzes. Ela tem provas terças, quintas e sextas-feiras, invariavelmente. Minha filha, pode estar acontecendo o que for, passar o que for na televisão, domingo à tarde, ela está no quarto dela estudando matéria da prova de terça-feira. Então, é uma questão de estimular nas nossas crianças o gosto pelo estudo.

Por prática de vida, eu defendo a avaliação continuada, se não semanal, mensal das nossas crianças. E aqueles que não tiveram condições de assimilar toda a educação apresentada, fazem aquela série novamente. Não defendo essa progressão continuada. O que não pode é transformar a progressão ou a repetência como avaliação da educação. Estão transformando um problema em índice de qualidade. Aí vai ficar uma loucura.

Em relação à religião, temos em Mogi a construção de escolas de educação infantil e creches. Em muitas delas fazemos um convênio com organizações não

governamentais para que administrem essas escolas, as creches. O sistema pedagógico é colocado pela Prefeitura. A administração executada por uma organização social. E nós temos organizações sociais ligadas a igrejas evangélicas, e organizações sociais administradas por padres, por freiras, ligadas à Igreja Católica. Seja qual for o pecado que isso represente, qualquer que seja esse pecado, é menor do que essas crianças não terem desde pequenas a educação voltada para a religiosidade. E nós não vamos defender nem a evangélica, nem a católica, nem a espírita. Mas é fundamental que essas crianças aprendam a rezar o Pai Nosso dentro da escola. Então, por mais que isso possa parecer discurso de direita, isso é discurso do que funciona, e é isso que defendemos. Agora, é óbvio que a escola é laica. Ela não vai pregar para as crianças, sejam evangélicas ou católicas. E nem a nossa Secretaria da Educação permite isso. Mas as organizações que administram nossas melhores creches, coincidentemente ou não, são as ligadas às entidades religiosas.

**RUBENS FIGUEIREDO:** Como está, nas escolas públicas, a utilização do esporte como instrumento na formação do jovem?

**MARCO BERTAIOLLI:** O conjunto da educação oferecida é que vai fazer uma criança preparada para ter uma vida melhor. Nós introduzimos o ensino de música nas escolas mesmo antes de ser obrigatório. E nós formamos as “sinfoniquinhas”, que são bandas sinfônicas pequenas, não fanfarras. Nós despertamos valores que são inacreditáveis. Eu vejo crianças com 10, 11 anos fazendo apresentações musicais que são incomparáveis. Dia 1º de setembro é aniversário da cidade, então nós temos uma praxe que iniciei em 2009. Contratamos um grande artista para cantar em Mogi das Cruzes. Com uma condição: ele vai cantar, mas a orquestra é a nossa. Então foi lá o Milton Nasci-

mento, o Fábio Júnior. Ele canta e quem o acompanha é a Orquestra Sinfônica de Mogi das Cruzes, formada por quase duzentos jovens. Oriundos de onde? Das “sinfoniquinhas”. Aquilo passa a ser uma meta, um objetivo de vida. Aprender a flauta para poder tocar no dia 1º de setembro, no palco da cidade.

A mesma relação eu faço com o esporte. Nós temos despertado, dentro da escola, valores que passariam despercebidos se nós não estivéssemos praticando atividades esportivas. Hoje, temos um time de basquete na cidade, o Mogi das Cruzes Basquete, se destacando no cenário nacional. E várias pessoas me perguntam por que investir num time profissional e por que ter um time profissional. Simplesmente porque criança aprende pelo exemplo. Não adianta eu falar na escola que praticar atividade esportiva é bom. Contratamos um time de basquete que hoje é a paixão da cidade. E o jogador, quando ele preenche o contrato para jogar no time de Mogi das Cruzes, tem uma cláusula que prevê: uma vez por semana, uma vez a cada quinze dias, em vez de o treino ser no piso amortecido do ginásio de esportes, que é um dos melhores do Brasil, será na escola pública, com a quadra de cimento. Porque eu quero que ele tenha contato com as minhas 250 crianças da escola pública. Porque essa criança precisa ter outra referência na vida. Qual é referência para uma criança numa escola de alta vulnerabilidade social? É o traficante que bate em todo mundo, fuma maconha, cheira cocaína. Essa é a referência de ser bacana para as crianças. Quando eu coloco aquele time de basquetebol dentro da quadra dele, jogando no mesmo piso esburacado que ele joga, a referência muda. E ele passa a entender que aquele atleta de 2,10 m, que faz cesta de três pontos e que é ovacionado no ginásio, não fuma, não bebe, corre 10 quilômetros por dia, pratica esporte.

Uma coisa que me deixa particularmente encantado: percorrendo os bairros de Mogi das Cruzes nos fi-

nais de semana, já encontrei - e não foi uma nem duas vezes - uma cesta de arame amarrada a um poste de luz para que as crianças possam jogar basquete. Então, isso é um conjunto de formação da nossa juventude. Eu até brinco que nós não estamos só ensinando alunos nem construindo escolas, nós estamos formando cidadania. Essas crianças que têm a oportunidade de passar pelo período integral nosso, com alimentação, com esporte, com música, serão cidadãs muito mais preparadas para a vida do que nós fomos. Nosso desejo é expandir isso para o Estado inteiro, para o Brasil inteiro. Que nós tenhamos condições de oferecer em toda escola pública ensino de qualidade.

**ALEXANDRE SCHNEIDER:** Duas coisas. A progressão exige avaliação. Progressão não significa que o professor não tenha que fazer prova, não tenha que avaliar. É o oposto. Aconteceu aqui em São Paulo é que a partir do momento em que se iniciou a repetência, alguns professores simplesmente lavaram as mãos. Por isso dobrou. Eu visitava muitas escolas e o professor falava: “Mas o menino chega aqui sem saber matemática direito”. E eu perguntava onde ele havia começado a estudar. “Aqui”, respondiam. “E o que vocês fizeram com esse menino?”. A questão toda é: para que serve o processo de avaliação?

Em relação à questão do esporte, eu estou totalmente de acordo com o Bertaiolli. O prefeito Kassab foi quem colocou a Educação Física desde o início, desde o primeiro ano, na Rede Pública Municipal de São Paulo. Antes era só a partir do quarto ano - assim como o inglês, foi a primeira rede que colocou o inglês desde o primeiro ano. E se fazia uma série de acordos com clubes e todo o sistema de formação. Inclusive o Pinheiros fazia seletivas de natação nos CEUs da cidade, que infelizmente é um programa que terminou.

**RUBENS FIGUEIREDO:** A última pergunta, por favor.



**REINALDO DOS SANTOS:** Eu sou diretor de gestão de uma fundação da cidade de Barueri, voltada para a educação, com 16 mil alunos. Em nossa cidade chegamos ao melhor Ideb (*Índice de Desenvolvimento da Educação Básica do Estado de São Paulo*). Sempre foi uma preocupação nossa o Ideb. Até que há um ano eu estive com um doutor americano que tem andado pelo mundo pesquisando sobre o índice Pisa, que mede a qualidade do ensino em termos internacionais. Nesse índice, o Brasil ocupa uma das últimas posições. Ele me falou: “Olha, o primeiro colocado do ranking é a China. Tem muita diferença entre aqui e lá.” E eu perguntei: “Você acredita que a China é o melhor modelo?”. Ele falou que o melhor modelo é o alemão. Porque na Alemanha, desde cedo, eles são preocupados com a vocação profissional da criança. Então eu queria saber dos palestrantes qual a opinião deles sobre a inclusão de coisas voltadas para o desenvolvimento profissional das crianças desde cedo, como um elemento para a gente crescer na qualidade de nossa educação?

**ALEXANDRE SCHNEIDER:** Vou separar a questão em duas. Primeiro a questão dos modelos. Esse livro que o Machado citou, *As crianças mais inteligentes do mundo*, inclusive, é bem interessante porque são três mundos distintos e que deram certo. Então, o modelo mais adequado é aquele que a gente consegue desenvolver. Temos aqui uma prefeitura como a de Mogi,



que tem bons resultados, uma boa gestão, e portanto tem um bom modelo e pode ensinar para muita gente como trabalhar a questão da educação básica.

Em relação à educação profissional é fundamental que a gente tenha, pelo menos no ensino médio, uma integração um pouco maior. O Brasil se propõe a ter, em 2024, 30% dos jovens de 18 a 24 anos na universidade. O que nós vamos fazer com os outros 70%? Como formamos esses outros 70% para trabalhar, montar seu próprio negócio? Esse é um desafio. Teríamos que trabalhar, no meu entendimento, em duas vertentes. Uma é, no próprio currículo, ter algumas questões voltadas à formação profissional. E a segunda é permitir um pouco mais de flexibilidade na educação profissional. Hoje, São Paulo tem uma rede enorme de ensino técnico, do Centro Paula Souza, mas ela não dá conta de todo mundo. É uma rede minúscula perto da rede de Ensino Médio do Estado. O mesmo vale para o federal e vale para o SESI-SENAI, que tem um esquema de formação profissional extraordinário, mas no fundo acaba também cuidando de uma elite, no sentido de que pega os melhores alunos.

Eu acho que essa questão que você colocou do ensino profissional é fundamental para que a gente possa dar um pouco mais de sentido para os alunos do Ensino Médio. Ele pode ter uma base comum e aí aquele que vai para a universidade escolhe um tipo de currículo, aquele que vai se profissionalizar escolhe outro. E eventualmente ter disciplinas mais voltadas para o mercado de trabalho. Não necessariamente, uma escola técnica.

**MARCO BERTAIOLLI:** Eu acredito que o empreendedorismo também possa ser ensinado. Não é uma questão de crianças que nasceram para ser chefes e outras que nasceram para não ser. Não é isso. Mas veja como nós precisamos discutir a educação. O Sebrae ensina empreendedorismo nas escolas de En-

sino Fundamental. Faz a capacitação de professores para que eles multipliquem junto aos alunos a capacidade de empreender. Implantei na rede de ensino de Mogi das Cruzes. Fizemos uma parceria com o Sebrae, que então capacitou os nossos professores para, a partir do primeiro ano, ter uma disciplina. Eu fiz isso por lei. Então, em Mogi, é obrigatório o ensino do empreendedorismo.

No dia em que eu mandei esse projeto de lei para a Câmara, um jornalista, na minha opinião bastante preparado, publicou uma nota interessantíssima: "Só faltava essa! Prefeito quer que toda criança se torne empresária". E aí fui lá conversar com o jornalista. Tomamos um café, conversamos. Aí, quando já tinha um clima mais ameno, eu perguntei: "Tem algum dicionário aqui no jornal?". Ele falou que tinha e eu pedi a ele para pegar porque eu estava com uma dúvida. Quando ele trouxe, eu falei: "Procure o que significa a palavra empreendedor aí, por favor!" Estava escrito: empreendedor é quem realiza. E eu falei: "Onde está escrito que é empresário? Onde você leu que empreendedor é sinônimo de empresário?". Eu disse: "Empresário é dono de empresa. Empreendedorismo é ensinar as nossas crianças a terem atitudes proativas, a não serem tão dependentes na vida". Eu quero que essa criança acredite que empreender, realizar, não ficar na dependência, é um bom caminho para a vida. Talvez se formássemos mais cidadãos empreendedores nós não tivéssemos essa dependência do governo que nós temos hoje, com o bolsa-família e tudo mais. Eu acredito que podemos, sim, desenvolver nas crianças o potencial de realizar e não de esperar que as coisas aconteçam.

**RUBENS FIGUEIREDO:** Muito obrigado, prefeito Bertaiolli! Muito obrigado, Alexandre Schneider! Nós estamos terminando aqui esse sexto Encontro Democrático. Até o próximo!



<p><b>Presidente</b> - Guilherme Afif</p> <p><b>1º Vice-presidente</b> - Vilmar Rocha</p> <p><b>2º Vice-presidente</b> <b>Diretor de Relações Internacionais</b> - Alfredo Cotait</p> <p><b>Secretária</b> - Alda Marco Antonio</p> <p><b>Diretor Superintendente</b> - João Francisco Aprá</p>	<p><b>Conselho Superior de Orientação</b> <b>Presidente</b> - Gilberto Kassab Guilherme Afif Henrique Meirelles Omar Aziz Raimundo Colombo Otto Alencar Claudio Lembo Ricardo Patah Vilmar Rocha Guilherme Campos Eduardo Sciarra</p>
---	---

<p><b>Coordenadores dos Conselhos Temáticos</b></p> <p><b>Política Econômica</b> - Henrique Meirelles <b>Emprego e Trabalho</b> - Ricardo Patah <b>Gestão Pública e Transparência</b> - Rubens Chammas <b>Pacto Federativo e Tributação</b> - Samuel Hanan <b>Previdência</b> - Reinhold Stephanes <b>Educação</b> - Alexandre Schneider <b>Saúde</b> - Eleuses Paiva <b>Infraestrutura, Transportes e Energia</b> - Eduardo Sciarra <b>Desenvolvimento Urbano</b> - Paulo Simão <b>Desenvolvimento Rural</b> - Cesário Ramalho <b>Meio Ambiente e Sustentabilidade</b> - Marcelo Cardinale Branco <b>Cultura</b> - Danilo Miranda <b>Esportes</b> - Antonio Moreno Neto <b>Turismo</b> - Marcelo Rehder <b>Indústria, Tecnologia e Inovação</b> - Ozires Silva <b>Inteligência e Mídias Digitais</b> - Aleksandar Mandic <b>Justiça</b> - Arnaldo Malheiros Filho <b>Segurança Pública</b> - Túlio Kahn <b>Desenvolvimento e Inclusão Social</b> - Alda Marco Antonio <b>Participação e Cidadania</b> - Ivani Boscolo <b>Política Externa e Comércio Exterior</b> - Embaixador José Botafogo Gonçalves <b>Defesa Nacional</b> - Gen. Antônio Luiz da Costa Burgos</p>	<p><b>Conselho Consultivo</b></p> <p><b>Acre</b> - Sérgio Petecão <b>Alagoas</b> - Jorge Silvio Luengo Galvão <b>Amapá</b> - Eider Pena <b>Amazonas</b> - Omar Aziz <b>Bahia</b> - Otto Alencar <b>Ceará</b> - Patrícia Pequeno G.C. Aguiar <b>Distrito Federal</b> - Rogério Rosso <b>Espírito Santo</b> - José Carlos Fonseca Junior <b>Goiás</b> - Vilmar Rocha <b>Maranhão</b> - Claudio Trinchão <b>Mato Grosso</b> - Carlos Fávaro <b>Mato Grosso do Sul</b> - Antônio Cesar Lacerda Alves <b>Minas Gerais</b> - Diego Andrade <b>Pará</b> - Helenilson Pontes <b>Paraíba</b> - Rômulo Gouveia <b>Paraná</b> - Eduardo Sciarra <b>Pernambuco</b> - André de Paula <b>Piauí</b> - Júlio Cesar <b>Rio de Janeiro</b> - Índio da Costa <b>Rio Grande do Norte</b> - Robinson Faria <b>Rio Grande do Sul</b> - José Paulo Dornelles Cairoli <b>Rondônia</b> - Moreira Mendes <b>Roraima</b> - Rodrigo Jucá <b>Santa Catarina</b> - Antônio Ceron <b>São Paulo</b> - Alfredo Cotait Neto <b>Sergipe</b> - Jeferson Andrade <b>Tocantins</b> - Irajá Abreu</p>
--	--

**ENCONTROS DEMOCRÁTICOS** - Coleção 2015 - Nº 6  
**ESPAÇO DEMOCRÁTICO** - Site: [www.espacodemocratico.org.br](http://www.espacodemocratico.org.br)  
**PSD** - Site Nacional: [www.psd.org.br](http://www.psd.org.br)  
 Coordenação - Scriptum Comunicação  
 Projeto Gráfico - BReeder Editora e Ass. de Com. Ltda - Marisa Villas Boas

Facebook: [EspacoDemocraticoPSD](https://www.facebook.com/EspacoDemocraticoPSD)  
 Facebook Nacional: [psd.br](https://www.facebook.com/psd.br)  
 Twitter Nacional: [@psd\\_55](https://twitter.com/psd_55)  
 Jornalista responsável - Sérgio Rondino (MTB 8367)

# ENCONTROS DEMOCRÁTICOS



[www.espacodemocratico.org.br](http://www.espacodemocratico.org.br)